

A “HORA DO CONTO” E A FORMAÇÃO DO LEITOR: RELATOS DE EXPERIÊNCIA. Marcela Coladello Ferro; Márcia Adriana Jorge; Renata Junqueira de Souza (orientadora). CELLIJ, Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP/Presidente Prudente. Núcleo de ensino. ma_coladello@hotmail.com; marciadijorge@hotmail.com.

Resumo: Nosso trabalho tem por objetivo salientar a importância da “Hora do conto” para a formação dos futuros leitores, acreditando ser a “contação de histórias” uma forma de incentivo para o desenvolvimento do gosto da leitura. Objetiva-se demonstrar a importância do conto, pois quem ouve histórias desenvolve capacidades como o entendimento e compreensão e, com certeza, tornar-se-á um leitor crítico. O CELLIJ atende crianças de educação infantil a 4ª. séries com um programa de leitura que divulga textos literários e autores da literatura infantil e juvenil. Assim, nossa comunicação mostrará relatos das experiências com o uso da literatura infantil na “hora do conto” com tais ouvintes. Conclui-se, preliminarmente, que a junção da literatura infantil e “contação” contribui para a formação do leitor por prazer e não por obrigação.

Palavras chaves: Hora do Conto, formação do leitor, literatura infantil.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Estamos numa sociedade onde crianças tem um contato muito pequeno com a literatura seja ela a oral ou a presente nos livros, acreditamos ser responsável por isso três fatores que estão muito presente na realidade brasileira:

- *Avanço significativo dos meios de comunicação:* A TV, o rádio e a internet são os meios de comunicação mais eficientes e presentes na vida das crianças e das pessoas em geral, ocupam o lugar que antes pertenciam as pessoas e as práticas de contar histórias;

- *Longa permanência dos pais fora de casa:* os pais costumam trabalhar fora durante todo dia e logo tem pouco ou nenhum tempo para seus filhos, não contam-lhes histórias e tornam o espaço doméstico um local de encontros breves;

- *Jeito moderno de viver da sociedade:* Hoje a nossa sociedade vive de uma maneira muita diferente da que se vivia no passado, não há mais espaço para reuniões familiares e nem entre amigos as pessoas se mantêm isoladas e vivem numa correria constante e com isso as nossas histórias vão perdendo espaço.

Encontramos em sala de aula uma triste situação onde os alunos têm pouco ou nenhum contato com a leitura por prazer, aquela que poderá levá-lo a uma “compreensão da realidade”. A leitura é priorizada na escola simplesmente como decodificação de signos lingüístico estabelecido pela perspectiva Behaviorista-skinneriana, quase nada se vê da perspectiva cognitivo –sociológica a qual concebe a leitura como um processo de compreensão abrangente que envolve o sujeito como um todo.

As crianças vêem a literatura com algo chato e cansativo que só é realizada com o intuito do trabalho, pois isto é o que geralmente acontece nas escolas a criança deve ler e em seguida apresentar para o professor um trabalho sobre a

leitura. Podemos notar o desinteresse das crianças pela leitura na biblioteca da FCT-UNESP onde são atendidos além de seus alunos e professores, jovens e crianças da comunidade, podemos comprovar o grande descaso com a leitura e literatura por prazer segundo os responsáveis pelo atendimento ao público. As crianças e jovens que chegam à biblioteca não tem nenhum conhecimento do seu funcionamento, não tem clareza da pesquisa que irão realizar e a procura pelo livro é simplesmente para a realização do trabalho de pesquisa proposto pelo professor, o livro serve somente como instrumento de consulta, não lhe desperta interesse e desejo de conhecer.

Vale lembrar que os professores sofrem muito com a falta de bibliotecas, falta de livros na escola, a falta de formação específica sobre a leitura, falta de recursos já que o preço do livro não é tão acessível, sem falar na questão que muitos professores não gostam de ler ou não tem este hábito.

Acreditamos que o gosto pela leitura é formado ao longo de um processo, espera-se então que o professor seja o mediador entre o aluno e o livro(material de leitura), desafiando-lhe um contato maior e mais intenso. Mas, para que isto aconteça é necessário que o professor não veja o livro como um objeto estranho, mas que ele seja um sujeito-leitor, o qual sinta-se desafiado pelos objetos da leitura.

Já que entendemos que a leitura satisfaz as amplas necessidades do ser humano(estéticas, afetivas, culturais e intelectuais) e que é um dos caminhos de inserção dos indivíduos no mundo, propomos com o nosso projeto uma superação da visão utilitarista da linguagem, ou seja, não se privilegia apenas o domínio técnico.

Assim o CELLIJ(Centro de Estudos Leitura e Literatura Infanto-Juvenil “Maria Betty Coelho Silva”), localizado na FCT-UNESP tem se mostrado um lugar muito apropriado para a formação de leitor e do gosto pela leitura. O CELLIJ atende a crianças do ensino infantil e fundamental de escolas estaduais, municipais e particulares da cidade de Presidente Prudente e da região, onde estas agendam horários para trazer suas crianças para participarem da “Hora do conto”, atividade esta que é realizada por estudantes do curso de pedagogia da FCT-UNESP.

OBJETIVO

O trabalho tem como principais objetivos:

- tornar a leitura algo prazeroso ao aluno, ou seja, que é realizado por desejo e não por obrigação;
- cultivar o espaço da biblioteca, através do Laboratório de Leitura, Literatura e Educação, como lugar onde a prática de leitura não esteja restrita à pesquisa e consulta, mas voltada para a satisfação de necessidades mais amplas do ser humano (culturais, afetivas, estéticas, etc.);
- estimular o uso da literatura infantil como elemento essencial para a formação do “leitor mirim”;

- estimular o trabalho com a oralidade no texto literário, aproveitando o universo infantil para as várias possibilidades de leitura;
- habilitar o aluno para consulta em bibliotecas (conhecimento de regras de funcionamento, cuidados com acervo, procedimentos para inscrição, consulta e/ou retirada de livros, etc.)
- expandir as formas de interpretação de textos escritos para diferentes campos de linguagem (teatro, artes plásticas, música, cinema, etc.).

DESENVOLVIMENTO

O projeto vem sendo desenvolvido desde março de 2006 atendendo as crianças que freqüentam semanalmente a biblioteca do CELLIJ e participam de atividades de “Hora do Conto”. Neste momento as crianças podem ouvir, interpretar histórias e produzir um texto escrito sobre a história contada ou/e realizar atividades artísticas sobre o texto que foi trabalhado, além de aprenderem como funciona a biblioteca e poderem retirar os livros infantis. Desta forma, amplia-se a participação destas crianças nos espaços sociais de acesso aos livros e à leitura, apresentando a leitura com algo prazeroso desvinculado da obrigação e das tarefas escolares.

A literatura infantil é apresentada como elemento essencial na Hora do Conto. Um livro, previamente escolhido de acordo com os interesses de leitura das crianças em relação ao sexo, a faixa etária, é contado. As técnicas para esta atividade, podem ser variadas: história contada, contada com gravuras, com fantoches ou bonecos, dramatizada, etc., o objetivo é único: despertar o prazer pela leitura, para então sedimentar o gosto e formar o leitor.

METODOLOGIA

Somente quando a leitura é desenvolvida com muito entusiasmo e com muita vontade é que ela pode então se tornar interessante e atrativa para os seus ouvintes. Durante a realização de tal projeto buscou-se divulgar alguns contos literários, na espera de obter a compreensão, o interesse e o fascínio das crianças para com as histórias literárias, sendo assim, também é de grande importância divulgar os autores de cada história.

Mas é evidente que somente ouvir a história não é suficiente para entreter a criança, por isso junto com as histórias trabalha-se algum tipo de manifestação da arte. O intuito de unir o lado artístico das crianças com a literatura é o de desenvolver nas mesmas a criatividade e a inspiração mostrando a elas que literatura também é arte. O nosso trabalho propõe descobrir como despertar o

interesse das crianças pela leitura. Assim as atividades são desenvolvidas prevêm dois momentos:

- a definição da história e das atividades a serem desenvolvidas após o contar histórias:

- segundo o encontro com as crianças durante o qual vivenciam as atividades previstas. Propõem-se um momento de fantasia, prazer e criatividade quanto ao ouvir as histórias e ao produzir objetos plásticos e artísticos dentro do contexto escolar e considerando o nível e o interesse das crianças.

Buscou-se apresentar os contos da maneira mais interessante possível, mudando a voz de acordo com as falas, diversificando a cada semana as atividades propostas. Procura-se a cada semana trazer a sala de leitura uma nova história que trate de assuntos diferentes das anteriores, assim como também desenvolver atividades diferentes, com novas técnicas, novos modos de contar e sempre com muito ânimo e expectativa para com o resultado.

O trabalho é realizado da seguinte forma:

1º) escolhe-se a história que será trabalhada;

2º) a técnica que será utilizada na história;

3º) estuda-se a história;

4º) conta-se a história da maneira mais envolvente possível;

5º) discute-se a história e propõe-se uma atividade sobre o livro.

A escolha da história sempre está ligada à idade dos alunos, seus interesses de acordo com o sexo e a classe social. Os meninos preferem livros de aventura, viagens e exploração, já as meninas preferem romances e vida familiar. Ligada à faixa etária a preferência da criança também sofre variações. Coelho(2002) divide a faixa etária em duas fases:

- **Pré-Escolar** - nesta fase o livro deve conter enredo simples, vivo e atraente com situações que aproximem do cotidiano da criança (animais, brinquedos, vivência afetiva...). Este período dividi-se em duas fases: *Pré-mágica* (até 3 anos) onde a criança gosta de histórias de repetição e ritmo; *Fase Mágica* (até 7 anos) a imaginação da criança torna-se criadora e ela gosta de histórias com animais domésticos, circo, zoológico, alimentos, flores, nuvens e festas, solicitam também que as histórias sejam contadas mais de uma vez .

- **Escolar** - As crianças gostam de histórias da fase anterior, de encantamento, contos de fadas com enredo mais elaborado e já começam a demonstrar um senso crítico.

As técnicas usadas para contar histórias são diversas, sendo descritas a seguir:

1) *simples narrativa*: é o tipo de história mais fascinante e apreciada, requer apenas a voz do narrador e sua expressão corporal, para o uso destas técnicas são indicados os contos de fadas;

2) *simples narrativa com gravura*: ampliam-se as ilustrações dos livros para que fique mais nítida a visualização dos desenhos. É utilizado em livros pequenos com ilustrações indispensáveis para a compreensão da história, auxilia a criança na observação de detalhes e na organização do pensamento;

3) *simples narrativa com auxílio do livro*: conta-se a história utilizando o livro, quando suas imagens são indispensáveis e a ilustração complementa o que está escrito no livro;

4) *simples narrativa com interferência do leitor*: o narrador vai fazendo perguntas para o ouvinte e ele vai construindo o texto. Esta técnica conta com a participação ativa do ouvinte com voz ou com gestos, são utilizadas em histórias de repetição músicas ou adivinhas;

5) *simples narrativa com flanelógrafo*: é recomendada para histórias onde os personagens saem e entram em cena diversas vezes;

6) *maquete*: cria-se um cenário onde se passa a história, para poder visualizar melhor o ambiente referido. Esta técnica deve ser utilizada em histórias que não ocorrem muitas variações de espaço;

7) *avental pedagógico*: um avental onde haja todos os personagens e eles possam se movimentar no cenário construído no avental. Usados em histórias curtas com poucos personagens;

8) *simples narrativa com desenho*: o narrador vai narrando a história e construindo um outro desenho. Esta técnica desperta curiosidade no ouvinte, é muito atraente e recomendada para histórias com poucos personagens e traços rápidos.

9) *Simples narrativa com fantoches*: utiliza-se bonecos de fantoches (personagens da história) e conta-se em um palco apropriado.

Quanto a classe social a história deve trazer para a criança um conteúdo ligado ao seu cotidiano, dentro de sua realidade. Não se deve contar a criança uma história totalmente distante de sua vida, pois isto a leva a não conseguir se envolver completamente com ela.

Na discussão do livro são levantadas às questões tratadas na história. Esta conversa serve para que o contador perceba de que maneira seu ouvinte entendeu a história, serve também para reflexão e respostas de eventuais perguntas que possam surgir. É importante ressaltar que nesta atividade posterior à história o contador jamais deve apontar a moral e a ideologia apresentada, pois isto faz com que a história perca o seu encanto, na verdade o ouvinte deve ser provocado para que chegue às suas próprias conclusões, pois é de acordo com os conhecimentos e a capacidade de cada um que a história é interpretada e é aí que está a magia da literatura, pois ela possibilita ao ouvinte total liberdade.

E finalmente chega o momento do lúdico e de descontração onde se propõe uma atividade que esteja ligada ao livro e ao tema que ele aborda, estas atividades são de produção artística e escrita. É enfatizada a inclusão de desenhos de acordo com as histórias, pois neles as crianças demonstram o seu ponto de vista, sua maneira de compreender e representar as histórias.

Utilizando lápis de cor, canetas coloridas, papéis, tesouras e régua, giz de cera, cartolina, as crianças se divertem realizando as atividades e sem perceber aprendem e desenvolvem melhor sua coordenação motora.

RESULTADOS

Temos percebido um resultado muito satisfatório na realização do trabalho. Nos encontros que realizamos com as crianças percebemos que elas se interessam muito pelas histórias que são contadas, participam quando lhes questionamos, perguntam quando sentem alguma dúvida, realizam as atividades propostas com entusiasmo e dedicação e se mostram extremamente felizes no momento em que chega a hora do conto.

Em 2006 o projeto atendeu diversas escolas da região de Presidente Prudente, constituindo-se a biblioteca infantil do CELLIJ em local de referência quando a temática é literatura infantil e o trabalho com crianças em idade escolar. Neste ano de 2007 ampliamos os nossos atendimentos e fortalecemos ainda mais o CELLIJ enquanto espaço de formação de crianças leitoras.

CONCLUSÕES PARCIAIS

Concluimos que o estímulo é muito importante para a formação do gosto da criança pela leitura, aquelas que recebem o incentivo de pais, professores e amigos são muito mais interessadas e têm uma melhor facilidade de aprendizagem, de comunicação e de entendimento.

Sente-se que as pessoas em geral e, principalmente os professores, precisam fazer nascer em si o desejo de ampliar nas crianças o gosto pela leitura no seu dia-a-dia contribuindo para formar também o cidadão.

Concluimos ainda que o nosso trabalho têm surtido efeito já que os nossos horários de atendimento estão quase todos preenchidos e as crianças sentem-se extremamente interessadas pelo trabalho que realizamos e nos deixam muito felizes ao trazer para o nosso espaço a alegria e o brilho nos olhos e sorrisos que viajam no mundo de sonho e fantasia que só é possível na literatura.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, B. *Contar História Uma Arte Sem Idade*. São Paulo: Ática. 2002

CUNHA, M. A. *Literatura Infantil: Teoria e Prática*. São Paulo: Ática, 1983.

DINORAH, M. *O Livro na sala de aula*. Porto Alegre: L e PM, 1987.

MAGNANI, M.R.M. ***Leitura, Literatura e Escola: Subsídios para uma Reflexão sobre a Formação do Gosto.*** Campinas, 1987-Dissertação de Mestrado em Educação.

MEIRELES, C. ***Problemas da Literatura Infantil.*** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

PASSARINI, S. P. ***O Fio de Ariadne: um Caminho para Narração de Histórias.*** São Paulo: Antropofosófica, 2004.

ROSEMBERG, F. ***Literatura Infantil e Ideologia.*** São Paulo: Global, 1985.

ZILBERMAN, R. ***A Literatura Infantil na Escola.*** São Paulo: Global. 1 994.
(Teses: 1)

ZILBERMAN, R; LAJOLO, M. ***Um Brasil para Crianças.*** São Paulo: Global, 1986.

Bolsa: Núcleo de ensino